

O fenômeno de dupla enunciação na instauração da criança na língua materna

*Carmem Luci da Costa Silva*¹

Resumo

Este artigo foi produzido para homenagear o grande semanticista Oswald Ducrot por todas as suas contribuições à Linguística, especialmente por todo o seu esforço para constituir um ponto de vista particular para tratar de língua, enunciação e argumentação. O objetivo é o de verificar o modo de presença da “dupla enunciação” na instauração da criança em sua língua materna. O artigo, na seção teórica, trata da noção de dupla enunciação no escopo do “Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação” (Ducrot, 1987). Nas seções relacionadas à aquisição de língua materna, são apresentados estudo sobre a polifonia nas narrativas de crianças (Silva, 1996) e análise de fatos linguísticos de uma criança em instauração de sua língua materna. O estudo e as análises indicam que os movimentos de aquisição do mecanismo de dupla enunciação ocorrem com: retomadas de enunciações anteriores – 1) discurso direto sem moldura, 2) discurso direto com moldura e 3) discurso indireto com moldura – e simulação de diálogos internos à enunciação principal, com o uso do discurso direto com moldura. Além disso, os fatos enunciativos analisados parecem apontar que a dupla enunciação passa a comparecer com moldura nos fatos enunciativos a partir do momento em que a criança se vale de modo estável da pessoa subjetiva “eu”.

Palavras-chave: Aquisição. Dupla enunciação. Língua materna

Data de submissão: jan. 2025 – Data de aceite: jan. 2025

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v21i1.16606>

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras e permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do NALíngua – Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem (UNESP/CNPq). Orienta nos seguintes temas: aquisição e ensino aprendizagem de língua materna; estudos de texto e teorizações de Émile Benveniste e Oswald Ducrot. Bolsista Produtividade CNPq. E-mail: clcostasilva@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6036-5285>

Palavras iniciais

Este artigo tem o propósito de homenagear o grande semanticista Oswald Ducrot por todas as suas contribuições à Linguística, especialmente por todo o seu esforço para constituir um ponto de vista particular para tratar de língua, enunciação e argumentação. Em todas as versões de sua construção teórica, Ducrot deixou, como marca em sua produção, o debate e o diálogo como necessários para a constituição de um saber científico sobre a língua: o linguista dialoga, em seus textos, com filósofos, com outros linguistas e com ele próprio, visto realizar releituras de seus estudos para apresentar modificações em muitos de seus conceitos, caso da própria concepção de argumentação.

A minha homenagem a esse semanticista está relacionada ao texto “Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação”, que considero ser um dos textos mais potentes do semanticista por trazer, para a Linguística, a noção de “polifonia” e por apresentar uma concepção de enunciação própria atrelada às suas noções de enunciado e de sentido. Esse texto, presente na obra *O Dizer e o Dito*, trouxe uma grande contribuição também para a minha formação em pesquisa, pois foi base para a minha Dissertação de Mestrado e para as investigações desenvolvidas após a Dissertação. A perspectiva ducrotiana foi a primeira base teórica para tratar da aquisição de língua materna, quando investiguei a presença de diferentes vozes em narrativas de crianças dos 2 anos e 5 meses aos 5 anos e 5 meses.

Assim, neste artigo, tenho como objetivo verificar o modo de presença da “dupla enunciação” na instauração da criança em sua língua materna. Desse modo, trato das potencialidades dessa noção, considerada umas das formas de polifonia, concebida por Ducrot (1987) como relacionada à figura enunciativa do locutor. Nesse caso, é um tipo de polifonia em que a voz do outro vem explicitamente marcada por expressão referencial e verbo de dizer, constituindo, ao que me parece, uma polifonia explícita.

O artigo organiza-se com as seguintes seções, além dessas palavras iniciais: contempla uma seção teórica sobre a noção de dupla enunciação no escopo do “Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação”, uma seção apresentando um estudo anterior sobre a polifonia nas narrativas de crianças e uma seção analítica, com fatos linguísticos de uma criança em instauração de sua língua materna e as palavras finais.

1 A dupla enunciação a partir da concepção polifônica do sentido

No texto “Esboço de uma teoria polifônica da enunciação”, capítulo VIII do livro **O Dizer e o Dito**, Oswald Ducrot contesta e substitui o postulado da unicidade do sujeito falante nos enunciados. Assim, recusa a ideia de que cada enunciado possui somente um autor.

Inspira-se no conceito de “polifonia”, tratado por Bakhtin no estudo de textos literários, “para os quais é necessário reconhecer que várias vozes falam simultaneamente, sem que uma dentre elas seja preponderante e julgue as outras.” (Ducrot, 1987, p. 161). Essa polifonia comparece, conforme Ducrot (1987) afirma a partir de Bakhtin, na literatura popular ou carnavalesca como oposição à literatura clássica ou dogmática. Ducrot (1987), assim, dedica-se no texto a inserir na Linguística a ideia de que um único enunciado, mesmo de uso cotidiano, pode apresentar, simultaneamente, múltiplas vozes.

Para tratar da “polifonia”, o semanticista produz a sua concepção de enunciação como instância de produção do enunciado, sendo este a instância que veicula sentido na relação entre interlocutores. Ducrot (1987) apresenta três acepções de enunciação e afirma qual delas assume: “[...] o que designarei por esse termo [enunciação] é o acontecimento constituído pelo aparecimento do enunciado” (Ducrot, 1987, p. 168). E o semanticista continua: “A realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é [dada] existência a alguma coisa que não existia antes da fala e não existirá depois. É esta aparição momentânea que chamo enunciação” (Ducrot, 1987, p. 168).

Desse modo, a enunciação, para o linguista, é o acontecimento que constitui a aparição do enunciado – uma entidade concreta vinculada ao uso –, distinta da frase – entidade abstrata vinculada à língua. A passagem da frase (língua) ao enunciado (uso) acontece via enunciação.

Inserido nessa concepção de enunciação atrelada a de enunciado, Ducrot (1987) apresenta a sua definição de “sentido”, como distinta da de “significação”. Para ele, a significação apresenta instruções para que se atribua sentido ao enunciado. Assim, o que o produtor do enunciado comunica “é uma qualificação da enunciação deste enunciado.” (Ducrot, 1987, p.172). Inserido em uma concepção polifônica, o semanticista defende que o sentido de um enunciado fornece indicações relacionadas às fontes da enunciação. A descrição do sentido, nesse caso, envolve o analista mostrar como “o enunciado assinala, em sua enunciação, a superposição de diferentes vozes.” (Ducrot, 1987, p. 172). Nesse caso, “o sentido do enunciado é uma representação da enunciação.” (Ducrot, 1987, p. 172).

Para tratar dessa acepção de sentido como “representação da enunciação”, Ducrot (1987) busca substituir o princípio de unicidade do sujeito da enunciação, questionando: “quais as propriedades deste sujeito?” (Ducrot, 1987, p. 178). Para responder ao seu questionamento, cita três propriedades: 1) é o ser dotado de atividade psicofisiológica necessária à produção do enunciado; 2) é o autor de atos ilocutórios realizados na produção do enunciado (ordens, afirmação, interrogações etc.) e 3) é o ser designado pela marca de primeira pessoa. Concebendo o sentido como a descrição das indicações da enunciação, Ducrot (1987) admite essas indicações como vinculadas ao (s) autor(es) eventual(is) da enunciação, recusando-se a lidar com o produtor empírico do enunciado.

Importa, para o semanticista, que o sentido do enunciado seja descrito como contendo vários sujeitos que seriam a sua origem. Assim, para Ducrot (1987), “é necessário distinguir entre esses sujeitos pelo menos dois tipos de personagens, os enunciadores e os locutores.” (Ducrot, 1987, p. 182).

Desse modo, em uma perspectiva polifônica e com uma concepção de enunciação como o acontecimento constituído pelo aparecimento do enunciado, Ducrot (1987) procura distinguir as diferentes figuras/funções enunciativas ligadas ao aparecimento do enunciado: sujeito falante (autor empírico, que não é levado em conta na descrição do sentido); locutor (aquele que se responsabiliza pela produção do enunciado) e enunciadores (fontes dos diferentes pontos de vista e atitudes manifestados pelo locutor).

Nessa concepção, o sentido do enunciado não está somente nos diferentes pontos de vista, que se mostram através do locutor, mas também na posição do locutor frente aos enunciadores por ele postos em cena na produção do enunciado. Essa produção tem sua origem no sujeito falante, tratado como ser empírico. Esse sujeito é dotado de atividade psicofisiológica necessária à produção do enunciado. O segundo elemento constitutivo do enunciado é o locutor, que é o ser do discurso responsável pelo enunciado, a quem o pronome “eu” e outras marcas de primeira pessoa referem-se. De acordo com Ducrot (1987), não há paradoxo entre o sujeito falante e o locutor, visto o primeiro ser um elemento da experiência e o segundo, uma ficção discursiva.

Ao conceber a relação do locutor com o sujeito empírico, Ducrot (1987) apresenta uma importante reflexão sobre a relação entre a assinatura na escrita e a voz na fala. A assinatura, para ele, tem duas funções: indicar quem é o locutor responsável pelo enunciado e 2) assegurar a identidade entre o locutor indicado no texto e um indivíduo empírico. Na fala cotidiana, a voz realiza as duas funções da assinatura, pois, por um lado, serve para dar a conhecer quem é o locutor e, por outro lado, “ela autentica a assimilação do locutor a um indivíduo empírico particular, aquele que produz efetivamente a fala.” (Ducrot, 1987, p. 183). Como os fatos linguísticos deste estudo são oriundos das enunciações faladas das crianças, a voz ganha relevo por justamente fornecer indicações de quando a criança representa a voz do outro e quando autentica a sua própria voz.

A partir da figura de locutor, Ducrot (1987) assinala uma das formas de “polifonia”, a qual ocorre no discurso relatado. No exemplo <Pedro diz «João **me** disse: “**eu** virei” >, encontramos duas marcas de primeira pessoa que remetem a seres diferenciados, evidenciando dois locutores distintos, o primeiro assimilado a Pedro e o segundo, a João. Por isso, Ducrot (1987) prefere caracterizar o discurso relatado como consistindo, fundamentalmente, em uma apresentação de uma enunciação dupla, com dois locutores diferentes.

Assim, os discursos relatados são para Ducrot (1987) fenômenos de dupla

enunciação, pois o enunciado assinala, no seu sentido, dois locutores distintos: um é responsável pelo sentido global e o outro, pela parte citada, considerada uma frase da língua. Essa enunciação é dupla porque “o próprio sentido do enunciado atribuiria à enunciação dois locutores distintos, eventualmente subordinados.” (Ducrot, 1987, p. 187). Do ponto de vista empírico, como afirma o semanticista, a enunciação é a ação de um único sujeito falante, “mas a imagem que o enunciado dá dela é a de uma troca, de um diálogo, ou ainda de uma hierarquia de falas.” (Ducrot, 1987, p. 187). Nesse caso, não há paradoxo, porque o locutor é uma ficção discursiva e o sujeito falante, um elemento da experiência. Essa dupla enunciação ocorre nos discursos relatados diretos e indiretos, com a diferença de que o primeiro caso implica fazer falar um outro, atribuindo-lhe a responsabilidade das falas, enquanto, no segundo caso, a sequência de palavras citadas é retomada pelo locutor do enunciado sem trazer uma suposta “fala original” citada (um discurso efetivamente realizado/uma fala imputada a outro locutor).

Outra distinção importante apresentada por Ducrot (1987) é a existente entre “locutor enquanto tal” (L) e “locutor enquanto ser no mundo” (λ). L é o responsável pela enunciação enquanto λ é a origem do enunciado. Tanto um quanto outro são seres do discurso, constituídos no sentido do enunciado. A diferença entre um e outro envolve o fato de um dar mostras do sentimento na própria enunciação (caso das interjeições, como “Ai!!!”) enquanto o outro insere esse sentimento como objeto da enunciação (caso dos enunciados declarativos como “estou com dor”). No caso das interjeições, temos um L, o locutor concebido em seu engajamento enunciativo. Já o λ é o locutor de enunciados declarativos; é o ser no mundo que enuncia a sua dor, tristeza, alegria etc. Embora essa distinção não compareça em versões posteriores da reflexão polifônica de Ducrot e colaboradores, ela é produtiva para a descrição do sentido dos enunciados da criança, como veremos nas seções seguintes deste artigo.

A noção de polifonia amplamente abordada em estudos posteriores de Ducrot e colaboradores, principalmente sob o escopo da Teoria da Argumentação na Língua, é a de “enunciador”. Além de tratar da polifonia relacionada à dupla enunciação – quando há mais de um locutor explicitamente marcado no interior do enunciado – a noção de enunciador (E) permite a Ducrot (1987) descrever uma segunda forma de polifonia: aquela que ocorre quando são encontradas, em um discurso, vozes que não têm as propriedades que se atribui ao locutor. São os enunciadores, que se expressam por meio da enunciação, aparecendo somente a manifestação de suas posições, mas não, no sentido material, suas “falas”. Assim, os diferentes pontos de vista, presentes em um enunciado ou em um discurso, muitas vezes estranhos ao do locutor, são denominados por Ducrot (1987) enunciadores. O conceito desse elemento da enunciação pode ser visto por meio das palavras do próprio autor:

Chamo “enunciadores” estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles “falam” é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras. (Ducrot, 1987, p.192).

Neste estudo, não será explorada esse tipo de polifonia, embora a considere importante por dar conta de uma espécie de polifonia implícita, quando ocorre, no enunciado de determinado locutor, um jogo de vozes (de pontos de vistas, atitudes e posições) sem que o locutor se responsabilize por essas vozes e sem que mostre as palavras do outro. O locutor organiza essas vozes (pontos de vista) e manifesta a sua atitude diante delas.

As figuras enunciativas de locutor e enunciador, para Ducrot (1987), remetem ao contexto da enunciação. Tais "figuras" abrangem a diversidade de representações do sujeito no enunciado/discurso, fazendo, por isso, parte de seu sentido.

Interessa-me neste estudo a polifonia ligada ao fenômeno da dupla enunciação para abordar fatos enunciativos no contexto de aquisição de língua materna. Por isso, na seção seguinte, será delineado o estudo realizado em Silva (1996) de dupla enunciação em narrativas de crianças.

2 A dupla enunciação na aquisição de narrativas pela criança

O fenômeno de dupla enunciação na aquisição de língua materna foi explorado por Silva (1996). Nesse estudo, a partir da perspectiva polifônica de Ducrot, ligada à presença de mais de um locutor no interior de narrativas de crianças, e das reflexões sobre o “Desenvolvimento do discurso narrativo” (Perroni, 1992), foi observado como as crianças apresentam diferentes vozes nas narrativas.

Para chegar à análise, foram coletados, transversalmente, dados de 30 (trinta) crianças dos 2,5 (dois anos e cinco meses) a 5,5 (cinco anos e cinco meses) para verificar as múltiplas vozes presentes em relatos pessoais, relatos a partir de uma sequência de gravuras e relatos ficcionais.

Foram concebidos como polifônicos todos os relatos que apresentavam mais de uma voz (autor - va, narrador - vn e personagem - vp). No estudo, foi verificado que as narrativas evocam sentidos, com indícios da representação de uma confluência de distintas vozes desde as primeiras tentativas de narrar da criança: a mistura da voz de autor com a voz de narrador, a mistura da voz de autor com a voz de narrador e voz de personagem. No entanto, em cada faixa, são detectadas diferenças relacionadas a como a criança vai mudando o modo de inserção das vozes no discurso narrativo.

Os resultados apontaram o seguinte percurso aquisicional: a presença em F1 (faixa

das crianças de 2,5 a 3,5;29) de onomatopeias na voz de personagem, caracterizadas como uma “protovoz” preparatória para a voz de personagem, que aparece na sequência, em F2 (faixa das crianças de 3,6 a 4,5;29), quando são observadas ocorrências de enunciados com conteúdo de fala das personagens.

A presença da confluência vn/vp em F1 parece atrelar-se ao fato de, nessa faixa, as crianças valerem-se, a exemplo das crianças de 4 anos do estudo de Hickmann (1982), de ações não linguísticas e, ainda, apresentarem grande número de onomatopeias, como vemos nos seguintes fatos enunciativos das crianças: “toc toc to”/Quem é?” (NIC, 3,9) e “Fiz assim: pá!” NAT, 2,9).

A partir da distinção entre “locutor enquanto tal” e “locutor enquanto ser no mundo” (Ducrot, 1987), conforme abordagem da seção anterior, essa presença de onomatopeias em fatos enunciativos da faixa 1 pode ser vista como indícios da grande presença do “locutor enquanto tal”, que se engaja enunciativamente nos enunciados. Tais vestígios da presença do “locutor enquanto tal” também se relacionam ao modo como o locutor deixa mostrar a sua voz na fala, que se modifica para buscar assimilar o locutor a dada situação empírica.

Nas faixas seguintes, os fatos enunciativos indiciam a redução de onomatopeias e a constante presença do “locutor enquanto ser no mundo”, que, por meio dessa voz, enuncia a sua dor, tristeza, alegria etc., casos da voz de autor em F3, em que as crianças tecem comentários sobre o que narram ao seu interlocutor.

Além disso, a maneira como as crianças inserem a voz de personagem apresenta variação, pois em F1 poucas crianças usavam “moldura”² (expressão referencial e verbo “de dizer” nos limites entre a vn e a vp), enquanto em momento seguinte as crianças usavam esse mecanismo para separar as vozes de narrador (vn) e de personagem (vp). Isso parece apontar que o uso de moldura faz parte de uma mudança importante na aquisição de narrativas pela criança. Em F3 (faixa das crianças de 4,6 a 5,5;29), as crianças mostraram autonomia no narrar, visto a voz de narrador (vn) estar consolidada, fato que apareceu no uso plurifuncional dessa voz, que, no seu interior, passa a incorporar a voz de personagem (vp), inserida com moldura. Ainda pode ser destacado o fato de que, nessa faixa, as crianças dão mostras de ampliação do papel da voz de autor (va), uma vez que, por meio dessa voz, organizam o discurso e tecem comentários acerca do que narram a seu interlocutor.

² A expressão “moldura”, utilizada por Hickmann (1982) em seu estudo sobre a fala relatada em narrativas de crianças, refere-se à presença, antes da inserção da fala do outro, de expressão referencial e verbos de “de dizer”. O mecanismo de moldura serve, segundo a autora, para ancorar a mensagem citada da situação original na mensagem narrativa da situação atual. No discurso indireto, essa moldura envolve o verbo “de dizer” e a conjunção “que”. O estudo de Hickmann apresenta a análise de dados de crianças de 4, 7 e 10 anos e de adultos. Em seus resultados, as crianças de 4 anos quase não emolduravam os eventos de fala direta, enquanto as de 7 e 10 quase sempre recorriam ao mecanismo de moldura nas falas diretas. Já os adultos mostraram preferir citações indiretas emolduradas. Outro resultado importante, nas análises da autora, esteve relacionado ao fato de as crianças de 4 anos preferirem focalizar ações não linguísticas e estados dos participantes no lugar de explicitarem as falas desses participantes.

Os resultados desse estudo apontam para a potencialidade da dupla enunciação para as pesquisas do campo de aquisição da linguagem, por meio da exploração, dos sentidos evocados pelos enunciados das crianças, que trazem indícios das representações de um jogo de vozes. O modo de a criança organizar as vozes na narrativa também indicia mudanças importantes relacionadas à instauração das crianças no discurso narrativo, pois, ao narrarem, transitam de uma ancoragem à situação da enunciação para uma ancoragem ao contexto discursivo. Assim, a instanciamento do lugar de locutor se modifica, pois os sentimentos situados na própria enunciação (como grito de dor) passam a ser objeto da enunciação (“caí e senti dor”) em uma espécie de passagem da instância de “locutor enquanto tal” para o “locutor enquanto ser no mundo”.

À medida que vai se instaurando na língua, a criança também se instaura em diferentes modos de narrar, valendo-se de mecanismos variados que dão mostras de que seus discursos indiciam um jogo de vozes, em que a dupla enunciação comparece com toda a sua complexidade, seja por meio do discurso relatado direto emoldurado, seja por meio do discurso indireto também emoldurado.

Na seção seguinte, apresento alguns fatos enunciativos para continuar essa reflexão sobre o fenômeno da dupla enunciação nos enunciados de uma criança em instauração de sua língua materna.

3 A dupla enunciação na instauração da criança na língua materna

Na seção anterior, foram apresentadas as potencialidades da reflexão de Oswald Ducrot para o estudo da dupla enunciação (polifonia de locutor) em fatos de aquisição, especialmente os relacionados ao discurso narrativo (Silva, 1996). Naquele momento, foram analisados fatos enunciativos de trinta crianças, dados resultantes de coleta transversal. Nesta seção, serão retomados fatos enunciativos constituídos a partir de dados coletados longitudinalmente (Silva, 2007; 2009) de uma criança dos onze meses aos três anos e quatro meses para analisá-los, também, a partir do fenômeno da dupla enunciação.

Desse modo, retomo recortes enunciativos (Silva, 2007; 2009) após verificação da presença ou não de dupla enunciação nas três macro-operações presentes no ato de instauração da criança na língua materna. Além disso, verificarei nesses fatos enunciativos o modo de ocorrência e as mudanças nas atualizações da dupla enunciação nos enunciados da criança.

A singularidade e os modos de enunciação característicos do ato de aquisição da língua materna pela criança foram explicados por Silva (2007; 2009) a partir da verificação de três operações enunciativas: a de preenchimento de lugar enunciativo, a de referência

e a de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso. Esse estudo teve como base teórica a perspectiva de Émile Benveniste, com foco nas reflexões desenvolvidas pelo linguista nas obras *Problemas de Lingüística Geral I* e *Problemas de Lingüística Geral II*.

Silva (2007; 2009) verifica, na primeira operação, a passagem do preenchimento de lugar enunciativo a partir do “outro” para o reconhecimento que esse lugar preenchido provoca no “outro”; na segunda, a passagem da atualização de uma referência mostrada para uma referência constituída na língua-discurso; e, na terceira, a passagem de um uso discursivo de instanciação subjetiva por meio de formas e funções para um uso discursivo em que a enunciação constitui outra enunciação.

Como se observa da reflexão da autora, o uso discursivo de uma enunciação constituindo outra enunciação comparece na terceira macro-operação – a de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso. Com efeito, Silva (2007; 2009), embora alicerce seu estudo na perspectiva de Benveniste (1995; 1989), verifica a presença do que considerou “dupla enunciação” nos fatos enunciativos presentes nessa macro-operação, referindo em nota a inspiração para o uso do termo em Ducrot (1987): “A expressão “dupla enunciação” foi inspirada em Ducrot (1984/1987), que a utiliza para referir o discurso relatado.” (Silva, 2007, p. 240).

Assim, nesta seção, os recortes serão tomados como fatos enunciativos para a análise a partir do seguinte percurso: 1) observação dos recortes enunciativos presentes na terceira macro-operação, quando Silva (2007; 2009) verifica a presença do fenômeno de “dupla enunciação”; 2) retomada desses fatos enunciativos transcritos quando da ocorrência de dupla enunciação; 3) realização de análise, com a verificação do modo como comparece a dupla enunciação e 4) retorno à reflexão teórica para tratar das mudanças da criança na instauração como falante de sua língua materna nas relações enunciativas com outro(s) de seu convívio, com atenção para o fenômeno da dupla enunciação.

Ao retomar os fatos enunciativos presentes em Silva (2007; 2009), observei que o comparecimento de “dupla enunciação” no discurso da criança está ligado, de início, à conjunção criança-outro, relação presente e necessária para a operação de preenchimento de lugar enunciativo. Isso mostra a interdependência entre as macro-operações e o fato de que a instauração da criança em um novo mecanismo de uso da língua liga-se a esse movimento de conjunção ao outro, como ilustro com o fato enunciativo a seguir:

Quadro 1 - Fato enunciativo 1³

Participantes:	CAR (tia, filmando) e MÃE
Idade da criança:	2;1.12
Situação:	FRA está em sua casa. Conversa com CAR, brincando de telefonar.
FRA:	não, tá besu papai besu [= ao telefone] @ papai faô [= fala com CAR]
CAR:	papai falô?
FRA:	faô
CAR:	o que qui ele te disse?
FRA:	besu, tau
CAR:	beju, só issu?
FRA:	só

Fonte: Silva (2007, p. 240)

Verifica-se, nesse fato enunciativo, que a criança simula uma conversa ao telefone com o pai, e a recuperação dessa enunciação anterior comparece na enunciação atual (relação criança e outro) por meio da indução desse outro: (“papai falô?”/ “O que qui ele te disse?”). Interessante observar, nesse fato enunciativo, a “dupla enunciação” sem a “moldura”, conforme apresentado na seção anterior em ocorrência presente em F1, primeira faixa de fatos enunciativos analisados por Silva (1996). A moldura como “alavanca” para a criança retomar a enunciação anterior com o pai comparece no enunciado de CAR (“o que qui ele te disse?”). Após o outro emoldurar o contexto enunciativo para a entrada da enunciação anterior, a criança, via escuta, apresenta um enunciado de retorno, com a resposta: “besu, tau”.

No fato enunciativo a seguir, novamente a criança dá indícios de estar em conjunção com o outro, que novamente se vale da moldura para criar o contexto enunciativo de comparecimento de enunciação anterior.

Quadro 2 - Fato enunciativo 2

Participantes:	CAR (tia, filmando); PAI e MÃE
Idade da criança:	2;04.19
Situação:	FRA está em sua casa, conversando com CAR na garagem.
CAR:	e ontem no telefoni o que qui a Queca disse pra tia Luci no telefoni?
FRA:	eu disse Uci vai vim a minha casa
CAR:	ah tu convidô a tia Luci pra vim na tua casa?
FRA:	é

Fonte: Silva (2007, p. 240).

Nesse fato enunciativo, o presente constitui, conforme Benveniste (1989), a linha de separação com outro tempo engendrado por ele, o passado, que não é mais contemporâneo

³ Na transcrição, ações não verbais, como pausas e risos, são colocadas entre colchetes. Os comentários do transcritor são colocados entre colchetes, introduzidos pelo sinal de = [= saindo do quarto]. Os sublinhados indicam, na parte destacada, a mobilização do aspecto vocal em tom descendente. A caixa alta indica a mobilização do aspecto vocal em tom ascendente.

ao discurso e é evocado pela memória. Assim, a forma “ontem”, com o perfeito “dissi”, e as expressões tia Luci e Queca, criam o contexto anterior para a criança enunciar “eu dissí Uci vai vim a minha casa”. Nesse enunciado, comparece a marca subjetiva “eu” como instância necessária para a criança retomar sua própria enunciação anterior.

Esse fenômeno de dupla enunciação comparece com moldura, mas com indícios importantes de passagem da “conjunção eu-tu” (“e ontem no telefoni o que qui a Queca dissí pra tia Luci no telefoni?”) para a “disjunção eu-tu” (“eu dissí Uci vai vim a minha casa”) nesse movimento aquisicional do uso do mecanismo de dupla enunciação.

Nesse movimento de relatar acontecimentos passados em um laço com o presente, a criança também passa a inserir, em seu discurso, o relato de acontecimentos sem o conteúdo de fala do outro, quando o discurso narrativo, com ações não linguísticas, passa também a figurar nessa instauração da criança em sua língua materna: “o Dudu me tutô e e e daí eu fiquei a pôta e daí eu eu fiquei choandu” (FRA, 2;05.23).

Após esse relato de ações e o uso do discurso relatado direto, conforme fatos enunciativos 1 e 2, a criança passa a empregar o discurso relatado indireto:

Quadro 3 - Fato enunciativo 3

Participantes:	CAR (filmando); EDU (irmão de 8 anos).
Idade da criança:	2;09.20
Situação:	de início, FRA está em sua casa, conversando e brincando com CAR e com EDU.
FRA:	ô DUDU QUÉ BINCÁ CUM NÓIS? @ O Dudu pidiu qui eie qué bincá cum nós
CAR:	é? @ Intão convida o Dudu pra fazê uma brincadeira.
FRA:	tá vamu ah va vamu passa passaá aqui cum a minha tia Dudu @ tá Dudu? @ Vamu?
CAR:	[= risos]

Fonte: Silva (2007, p. 244).

A dupla enunciação nesse fato enunciativo comparece com a complexidade da moldura ligada ao discurso relatado indireto: “o Dudu pidiu qui eie qué bincá cum nós”. Nesse enunciado, além da importante marca temporal do passado – o perfeito –, a criança insere o “ele”, que foi o “eu” de uma enunciação anterior, retomando essa enunciação passada no presente em que se enuncia com a tia, valendo-se também da forma “nós”, pessoa subjetiva que a inclui como “eu” e refere a tia como “tu”. Como atesta Silva (2023), que também analisa este fato enunciativo para tratar da escuta nas operações enunciativas, há um movimento importante relacionada às relações de pessoalidade:

Em termos de pessoalidade, a pessoa subjetiva “eu” da enunciação anterior, que realiza o pedido no qual FRA se situa como ouvinte, vem para a enunciação atual de FRA como um efeito de sua escuta e marcado como não-pessoa “ele” (“O Dudu pidiu qui eie qué bincá cum nós”), enunciação

na qual FRA se implanta como “eu” e inclui a tia por meio da marca “nós”. (Silva, 2023, p. 19).

Um aspecto importante que indicia a atitude da criança em relação ao que enuncia, porque manifesta a sua posição de locutor (Ducrot, 1987), está na marca de transcrição em caixa alta, vestígio de que a criança falou em tom ascendente. A voz, nesse caso, parece realizar uma terceira função além daquelas apontadas por Ducrot (1987): de dar a conhecer o locutor e de autenticar a sua assimilação a um indivíduo empírico. Nessa terceira função, a voz parece autenticar, por meio do tom alto (grito), a posição de concordância do locutor assimilado à criança sobre o pedido do irmão de brincar com ela e com a tia.

Esse enunciado é revelador de que o emprego da “dupla enunciação” e a complexidade envolvida na retomada de uma enunciação anterior na atual na instauração da criança na língua materna estão relacionados à estabilidade das coordenadas de pessoa e tempo.

Novamente, em um cruzamento com os dados transversais (Silva, 1996), nesses fatos longitudinais de estudo de uma criança, nos casos de dupla enunciação, com a retomada de enunciações anteriores, o discurso relatado direto sem moldura precede o direto com moldura e este precede o discurso relatado indireto.

No fato enunciativo a seguir, a criança apresenta elementos de sua instauração da língua materna, quando simula um contexto enunciativo, em que novos protagonistas (bolsas) passam a ter voz.

Quadro 4 - Fato enunciativo 4

Participantes:	CAR (tia, filmando)
Idade da criança:	2;10.17
Situação:	FRA está em sua casa, conversando com CAR
Com:	FRA está com a bolsa de CAR na mão.
FRA:	mas agóia eu vô pra Baxa quandu eu pegá éia ei ago a tua bolsa cuntigu
CAR:	tu vai dexá a minha bolsa cumigu né?
FRA:	é
CAR:	eu pricisu da minha bolsa
FRA:	mais mais
CAR:	pra ir trabalhá
FRA:	mais depois eu eu iqueci a tua bolsa e eu vô lá depois eu vô pedê a tua bolsa lá na Baxa
CAR:	ãh! Não @ não minha bolsa não pôdi ir lá pra Baxa
FRA:	pu quê?
CAR:	puque ela só gosta de ir lá pra minha casa a minha bolsa me diSSI issu hoji
FRA:	é?
CAR:	é
FRA:	e ela fala?
CAR:	fala [= risos]
FRA:	ãh?
CAR:	só cumigu ela fala.
FRA:	pu quê?
CAR:	[= risos] purqui ela fala
FRA:	e ela ondi ela fala?
CAR:	ãh? [= risos]
FRA :	ondi péta o botãozinho?
CAR:	ah ondi qui aperta o botãozinho?
FRA:	é
CAR:	pur que qui tu acha qui tem um botãozinho?
FRA:	a tua bolsa não tem botãozinho?
CAR:	não
FRA:	pur quê?
CAR:	purqui não
FRA:	ela qué ir no meu cólu
CAR:	qué? [= risos]
(...)	
CAR:	ela te diSSI issu?
FRA:	ãh hã
CAR:	comu é qui eu não ovi?
FRA:	comu é? A minha bosa ela a minha bosa vem no meu cólu
FRA:	não oviu a minha bolsa?
CAR :	não
FRA:	e ela gritandu assim AI [= grita]
CAR:	[= risos]
FRA:	assim na tua casa
CAR:	é? @ Mas eu tô surda intão
FRA:	e aí depois e depois quília no meu cólu e quília ir pa tua casa e quília ficá na tua casa [= risos]
CAR :	ãh! Qui bolsa danada @ quiria ficá lá em casa?
FRA:	é, a minha bolsa
CAR:	ah, eu achu qui ela quiria cunversá cum a minha bolsa intão
FRA:	ah mais a tua bolsa também qué cólu ela a tua bolsa diz assim pa tu/ pa minha: tu qué ir pa minha casa bolsa? A tua bolsa dizia assim quandu eu tava aqui na minha casa.

Fonte: Silva (2007, p. 245).

Nesse fato enunciativo, a criança, inscrita como pessoa subjetiva no discurso “eu” e com as estabilidades das coordenadas de tempo e espaço, insere a dupla enunciação com novos contornos, pois inscreve, no processo de inserção de novas enunciações na enunciação principal, locutores assimilados a seres empíricos não falantes, confirmando a importante argumentação de Ducrot (1987) de que o fundamental na enunciação são os seres de discurso (locutores e enunciadore).

Ao dar voz às bolsas, a criança insere um novo jogo referencial de pessoas no discurso, quando coloca, como locutores, bolsas em diálogo uma com a outra. Com isso, instancia uma nova polaridade “eu-tu” interna à enunciação principal.

A dupla enunciação atualizada nesse fato enunciativo envolve unicamente seres constituídos intralinguisticamente no fio do discurso, embora empiricamente não sejam seres que possam falar. Isso atesta, conforme observa Silva (2007), que

É como se apreendesse [a criança] que sua condição de sujeito da [na] enunciação lhe possibilitasse constituir a língua e seu alocutário como instâncias interdependentes no ato de enunciar. Nesse sentido, pelo discurso, constitui realidades, simulando dizeres e brincando com o ato de enunciação. (Silva, 2007, p. 251).

A simulação de diálogos entre as bolsas pela criança dá mostras de que a enunciação se torna espaço para o “eu” criar outras enunciações para o “tu”, constituindo uma hierarquia de falas relacionada ao complexo mecanismo de dupla enunciação. A criança, ao atualizar esse mecanismo, nesse fato enunciativo, indicia que já está em disjunção com outro, de que se torna locutor responsável por sua enunciação e é produtora de uma nova realidade discursiva no fio do discurso principal. São indícios de que a criança está instaurada no funcionamento intersubjetivo e referencial da língua, instauração necessária para a atualização desse mecanismo de dupla enunciação.

Palavras finais

Neste artigo, procurei, em uma homenagem ao semanticista Oswald Ducrot, apresentar as potencialidades da noção de dupla enunciação, forma de polifonia vinculada à figura enunciativa do locutor, para tratar do modo como a criança representa diferentes vozes em seus enunciados.

A dupla enunciação é um jogo de vozes de locutores instanciados via discursos direto e indireto, em que há uma complexidade envolvida no uso de molduras para separar a enunciação citada da enunciação principal.

Nesse estudo, busquei mostrar os movimentos da criança em instauração de sua língua materna na atualização do mecanismo de dupla enunciação. As seções 3 e 4 apresentam um estudo sobre a polifonia de locutor em narrativas de crianças (seção 3 –

dados transversais) e análises de fatos enunciativos de crianças em aquisição (seção 4 – dados longitudinais).

O estudo e as análises indiciam que os movimentos de aquisição do mecanismo de dupla enunciação ocorrem com: retomadas de enunciações anteriores – 1) discurso direto sem moldura, 2) discurso direto com moldura e 3) discurso indireto com moldura – e simulação de diálogos internos à enunciação principal, com o uso do discurso direto com moldura. Além disso, os fatos enunciativos analisados parecem apontar que a dupla enunciação passa a comparecer com moldura nos fatos enunciativos a partir do momento em que a criança se vale de modo estável da pessoa subjetiva “eu”.

Com este artigo, procurei, ao homenagear Oswald Ducrot, apresentar as potencialidades do texto “Esboço de uma teoria polifônica da enunciação” para os estudos linguísticos, especialmente para os estudos do campo de aquisição da linguagem, campo no qual me situo para tratar da instauração da criança em sua língua materna.

The phenomenon of double enunciation in the child's introduction into their native language

Abstract

This article was written to pay tribute to the great semanticist Oswald Ducrot and all his contributions to Linguistics, especially his efforts to establish a particular point of view to deal with language, enunciation, and argumentation. It aims to examine the presence of “double enunciation” in the child’s introduction into their native language. The theoretical section of the article deals with the notion of double enunciation within “Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação” [Outline of a Polyphonic Theory of Enunciation] (Ducrot, 1987). In the sections related to native-language acquisition, we present a study on polyphony in children’s narratives (Silva, 1996) and an analysis of linguistic facts brought about by a child during their introduction into their native language. The study and analyses show that the acquisition of the double enunciation mechanism occurs by returning to previous enunciations – 1) direct speech without a frame, 2) direct speech with a frame, and 3) indirect speech with a frame – and by simulating dialogues that are internal to the main utterance, with the use of direct speech with a frame. Furthermore, the enunciative facts under analysis seem to indicate that the double enunciation begins to appear, with a frame, in the enunciative facts at the moment in which the child steadily uses the subjective person “I”.

Keywords: Acquisition. Double enunciation. Native language

Referências

BENVENISTE, Émile. (1966). *Problemas de Lingüística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. (1974). *Problemas de Lingüística Geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al.; revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DUCROT, Oswald. (1984). O esboço de uma teoria polifônica da enunciação. *O dizer e*

o dito. Tradução Campinas, SP: Pontes, 1987.

HICKMANN, Maya. Reporting speech in discourse. In: HICKMANN, Maya. *The development of narrative skills. Pragmatic e metapragmatic aspects of discourse cohesion*. Ph D Dissertation, University of Chicago, 1982.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. 2007. 293 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10407>. Acesso em: 10 set. 2023.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa. A escuta nas três operações enunciativas do ato de instauração da criança na língua materna. *Organon*. Porto Alegre, v. 38, n. 76, 2023. p. 1-22. DOI: 10.22456/2238-8915.135046. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/135046>. Acesso em: 7 jan. 2025.